

# São Francisco de Assis e a poesia brasileira

*Sergio Alves Peixoto*

Universidade Federal de Minas Gerais

Fernando Sabino nem se lembrava. Mas em 1932, com 7 anos de idade, ele fez um poema dedicado a São Francisco de Assis. No texto, descoberto por um amigo mineiro, dizia que queria ficar amigo de verdade do santo. Tão íntimo que passaria a chamar São Francisco de “Chiquinho” e o santo trataria Sabino de “Nandinho”.<sup>1</sup>

**C**onhecido, também, como São Francisco das Chagas e São Francisco Seráfico, São Francisco de Assis é um dos santos católicos mais populares da cultura brasileira. Sendo assim, não é de se estranhar que poetas escrevessem sobre ele ou, até mesmo, com ele se identificassem, já que o Santo também, diz mais a lenda do que a verdade histórica, foi poeta.

Na pesquisa que fizemos, encontramos duas biografias do santo: uma, em prosa, e dedicada à juventude, do alagoano Jorge de Lima, escritor do nosso modernismo; outra do mineiro Augusto de Lima, em forma de um longo poema.<sup>2</sup> Os trovadores brasileiros o elegeram como patrono e, na Literatura de Cordel, sua pobreza e sofrimento são temas recorrentes do imaginário do povo nordestino, como atestam a romaria e os festejos de Canindé, no Ceará.

---

<sup>1</sup> GÓIS, p.1

<sup>2</sup> O livro de Jorge de Lima é de 1944; o de Augusto de Lima, de 1933. Esgotados, são de difícil acesso.

Do trovadorismo, selecionamos a seguinte “interpretação” de autor desconhecido da famosa “Oração de São Francisco”:

1-Faze-me agente, Senhor,  
De vossa radiosa Paz!  
Permiti que eu leve Amor,  
Onde o ódio esteja a mais...

2-Por onde estiver a Ofensa,  
Que eu leve sempre o Perdão...  
Onde houver Discórdia, intensa,  
Que eu sempre faça a União.

3-Onde a dúvida existir  
Que eu possa levar a Fé,  
E onde o erro persistir,  
Toda a Verdade da Sé.

4-Ó Mestre-Amor singular,  
Concedei seja meu fado,  
Consolo a todos levar,  
Mais do que ser consolado.

5-E que eu possa Compreender,  
Mais do que ser compreendido.  
Possa AMAR, com todo o Ser,  
Muito mais que ser Querido.

6-Pois, dando é que se recebe,  
Ao irmão necessitado,  
Perdoando é que se percebe  
Que também se é perdoado.

7-Daí-me Senhor, a Esperança,  
Pela maneira mais terna,  
Pois morrendo é que se alcança  
A glória da Vida eterna.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Autor desconhecido, p.1-2.

Quanto à Literatura de Cordel, descobrimos o seguinte texto de Wellington Vicente:

Giovanni Bernardone  
Foi jovem muito feliz  
E enquanto adolescente  
Fez da vida o que bem quis,  
Por “Francesco” apelidado,  
Depois, por Deus transformado  
Em Francisco de Assis.

Em mil, cento e oitenta e dois  
Nasceu este italiano,  
Pietro e Picca Bernardone  
Foram pais deste ente humano,  
Que numa lição de amor,  
Rejeitou ser mercador  
Para seguir outro plano.

Como era moda na época,  
Desejou ser cavaleiro,  
O pai doou-lhe armadura  
E um cavalo ligeiro,  
Ele daí animou-se,  
Neste instante transformou-se  
Num combativo guerreiro.

Combatendo com Perugia  
Assis não via os perigos  
E mandava seus habitantes  
Enfrentar os inimigos,  
Nesses confrontos guerreiros,  
Fizeram prisioneiros  
Francisco e alguns amigos.

Assim Francisco passou  
Quase um ano na prisão,  
Mas seu pai, homem abastado,  
Decidiu entrar em ação:  
Gastou enorme quantia  
Mas livrou da enxovia  
Seu filho do coração.

Numa noite em que estava  
Com seus amigos na rua  
Fazendo uma serenata  
Sob a beleza da lua,  
Sentiu que algo o tocava  
E bem sutil penetrava  
No fundo da alma sua.

A partir deste episódio  
Nasceu Francisco de Assis  
O pai de toda a pobreza,  
Protetor do infeliz,  
O amante dos animais,  
Inspira a quem sofre mais  
A uma vida feliz.

Oitenta anos após  
Cabral descobrir a gente,  
A Ordem dos Franciscanos  
Radicou-se em São Vicente,  
Com um pensamento nobre:  
Transformar o homem pobre  
Em cristão bem diferente.

Dali pra outros Estados  
A ordem se espalhou,  
Inspirada no seu Mestre  
E no que ele pregou:  
A justiça, dignidade,  
Compreensão, caridade,  
Pelas quais tanto lutou.

Os devotos de São Francisco  
Quando se acham doentes,  
Imploram pelos milagres  
Do Santo dos Penitentes,  
Ele, com sua bondade,  
Retira a enfermidade  
Do corpo desses viventes.

Inspirados em Francisco  
E nas leis da Santa Sé,  
Transformaram as romarias  
Numa Profissão de Fé,  
Onde a maior louvação  
Percebe-se na procissão  
Existente em Canindé.

Por são Francisco das Chagas  
Este Santo é conhecido,  
Pois Canindé lembra bem  
O mal por ele sofrido,  
Quem se achar adoentado,  
Pedindo será curado  
Por este Santo querido.

Em Porto Velho, Rondônia,  
Este Santo é venerado:  
Dia 4 de outubro  
É esse dia marcado,  
Onde o povo em cada canto  
Reza, agradecendo ao Santo,  
Mais um milagre alcançado.

Mas ao falar em Francisco  
Sinto-me na obrigação  
De relembrar seus discípulos:  
Bernardo, Pedro e Leão,  
Filipe, Egídio e Rufino,  
Clara, no mesmo destino  
De Maseo, na pregação.

Seja de Assis ou das Chagas  
É o Santo mais popular,  
Quem for devoto que reze  
Pra nosso mundo mudar:  
Mais justiça social  
E a consciência geral  
Do perigo nuclear.

Para a paz reinar nas ruas  
E pra chover no sertão,  
Pra melhorar da coluna  
E curar-se do coração;  
Quem pediu foi atendido,  
É isto que tem trazido  
Milhares à procissão.

Como o provo brasileiro  
Tem fé e convicção,  
Roga ao Santo que auxilie  
Nas horas de aflição,  
Porto Velho ou Canindé:  
Irmanados pela fé,  
Unidos na devoção.<sup>4</sup>

Porto Velho – RO, outubro de 1996.

A poesia brasileira “erudita” também acolheu São Francisco. Se começarmos pelo Barroco, quando a literatura brasileira passa a existir como tal, vemos que, por exemplo, Botelho de Oliveira a ele dedicou um soneto, seu livro *Lira sacra*. Um soneto blasfemo, como gostavam os barrocos, já que Botelho vê, no sofrimento do santo, sofrimento maior que o do próprio Cristo:

---

<sup>4</sup> VICENTE, Wellington, p.1-3.

A São Francisco  
Soneto XV

Excelso patriarca que ordenastes  
Melhor arca no mundo em graças certas  
Se esta foi ordenada em três cobertas  
A vossa com três ordens fabricastes.

Como a paixão de Cristo tanto amastes  
Vos deu no corpo as chagas descobertas  
E estando vivas nele, estando abertas,  
No mesmo Cristo em Cruz vos transformastes.

Tivestes melhor Cruz que Cristo amado  
Nesta impressão das chagas, porque nisto  
A Cristo pareceis avantajado.

Visto pois o favor, o empenho visto,  
Cristo em um lenho foi crucificado,  
Francisco foi crucificado em Cristo.<sup>5</sup>

De Humberto de Campos, poeta parnasiano hoje totalmente esquecido, selecionamos a passagem em que São Francisco fala às aves, excerto do longo poema sobre o qual falamos acima. Neste trecho, São Francisco “passa um sermão” nas aves, que, parece, não dão valor à felicidade que têm, principalmente quando se assiste a tanto sofrimento humano:

O apóstolo das aves

No cimo do Subásio, ante a áspera caverna,  
Em lugar que somente o sol visita e banha,  
São Francisco de Assis sonha a vida ampla e eterna  
Falando ao céu azul e às cousas da montanha.

---

<sup>5</sup> OLIVEIRA, Botelho, p.307.

Ante a morte do Sol fecha as asas o Dia.  
O Vale, em derredor, é um turíbulo que arde;  
Sobem, leves, da terra, entre a diurna agonia,  
A alva bruma da fonte e os suspiros da Tarde.

São Francisco, entretanto, a loura barba ao vento,  
Olhar vago, a beber o fogo o horizonte,  
Mandando a asas e céus a voz e o pensamento,  
Continua a pregar aos pássaros do monte.

Para ouvi-lo falar, tudo em roda se aquieta;  
O vento, ainda a fugir, atenta o ouvido, e escuta.  
A ave pára; a flor cisma; e aos seus surtos de poeta,  
Trepida o coração da própria pedra bruta.

E ele fala, a voz doce: “Asas, irmãs desta alma,  
Aves que me escutais neste alto de montanha,  
Sede boas, cantai e amai, na vida calma  
A árvore que vos dá fruto e a áurea luz que vos banha.

Sede humildes, e amai; a árvore anosa e o ramo  
Do arbusto fraco, amai; amai a terra, cheia  
De doçura e de paz; e amai, como eu vos amo,  
A água que Deus dá à fonte e o grão que Deus semeia.

E amai-vos. A ninguém, Deus, o senhor do Espaço,  
O criador do que hoje há nas águas e arvoredos,  
Como a vós, dando a fronde, ergue um lar com o seu braço  
E o alimento vem dar nas pontas dos seus dedos.

Olhai o homem rebelde, olhai o tigre, a fera  
Sanguinária; acordai na alta noite tristonha,  
E escutai o subir da queixa humana e austera,  
As palavras de Dor do homem que vela ou sonha.

Escutai: tremereis ante o clamor que expande  
A angústia humana; e haveis de abençoar a humildade,  
Vendo, enfim, como é bela, alta, límpida, grande,  
Junto à mágoa dos mais, vossa felicidade.

Por que os homens não são como vós sois? A gruta  
Não seria, talvez, lar mais doce e risonho  
Que o castelo e o palácio, onde morrem na luta  
Que destrói todo Amor, que estingüe todo sonho?

A mão sábia que abriu este velário pela  
Altura, e a árvore pôs sobre o solo atro e bruto,  
Se a terra tinha luz, por que pôs no alto a estrela?  
E se o sangue é melhor, por que a bênção do fruto?

Não sereis, porventura, aves do espaço, amando  
E cantando pelo ar, mais que os homens, felizes?  
Pois, se tínhamos nós de viver batalhando,  
Por que o ramo dá sombra e o tronco tem raízes?

O homem morre faminto, e vós, no entanto, vede:  
Cantando a Sua glória e exaltando o Seu nome,  
Já viste um pardal a queixar-se de sede  
Ou um frágil rouxinol expirando de fome?

Doces aves do céu, amai, portanto, a Vida,  
Louvai, portanto, a Deus, que vos dá, neste monte,  
Grande e anônimo, a abrir a ampla mão comovida,  
A luz do sol, o grão da terra, a água da fonte!...”

E, assim, transfigurado, a loura barba ao vento,  
São Francisco, a surgir da luz que o envolve e o banha,  
Mandando a asas e céus a voz e o pensamento,  
Continua a pregar às cousas da Montanha...<sup>6</sup>

O momento simbolista no Brasil, nos deu, por exemplo, dois poemas “franciscanos”. O primeiro deles, um soneto de Durval de Moraes, tematiza os estigmas no Monte Alverne:

---

<sup>6</sup> CAMPOS, Humberto (s.d), p.202-205

### São Francisco

Mãos e pés a sangrar; o flanco, aberto; o gosto  
Do fel no coração, e na alma a solidude...  
À bruta bofetada, impassível o rosto!  
O espírito sereno, ante o insulto mais rude!

O escarro, a negação, o abandono, o desgosto:  
Dá-me tudo, Senhor, para que se transmude,  
Na minha alma de vil, a amarugem do mosto  
Fervente do Pecado, em vinho da Virtude!...

São Francisco, chorando, em êxtase exclama.  
Desce, para colher-lhe as pérolas do pranto,  
Vibrante Serafim de seis asas de chama!

Jardineiro do Amor, que abre em flores as fragas,  
Jesus vinha plantar pelo corpo do Santo  
O celeste rosal das Suas Cinco Chagas!<sup>7</sup>

O segundo, poema *à la Rimbaud* de Pethion de Vilar, intitulado “Poema das Vogais”, insere o sofrimento de São Francisco quando vai “colorir” a vogal U:

U – lúgubres clarões agônicos de enxofre;  
Cor do Mistério; cor das paixões sem consolo;  
Solução há muito preso, estourando de chofre;  
Último beijo, olhar vesgo e triste de goulou.

Olheiras de Saudade; olheiras de Ciúme;  
Chagas místicas de S. Francisco de Assis;  
Clangores d’órgão que poeta algum resume;  
Desilusões de amor que nenhum verso diz.<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> MORAIS, Durval de, p.1.

<sup>8</sup> VILLAR, Pethion de, p.1.

Finalmente, chegamos à poesia moderna e contemporânea. Vejamos, a espécie de introdução que Cecília Meireles faz a seu “Pequeno oratório de Santa Clara”, deixando ecoar a voz de São Francisco que encanta e chama a jovem a segui-lo na pobreza:

Uma voz cantava ao longe,  
Entre o luar e as pedras.  
E nos palácios fechados,  
entregues as sentinelas,  
Exaustas de tanta morte,  
De tantas guerras!  
Estremeciam os sonhos  
No coração das donzelas.  
Ah! Que estranha serenata,  
Eco de invisíveis festas!  
A que se dirigiam  
Palavras de amor tão belas,  
Tão ditosas (de que divinos poetas?),  
Como as que andavam lá fora  
Pelas ruas e vielas,  
Diáfanas, à lua,  
Graves, nas pedras...?

Fechai os olhos, donzelas,  
Sobre a estranha serenata!  
Não é por vós que suspira,  
Enamorada...  
Fala com dona pobreza,  
O homem que na noite passa.  
Por ela se transfigura,  
Que é a sua Amada!  
Por ela esquece o que tinha:  
Prestígio, família, casa...  
Fechai os olhos, donzelas!  
(Mas, se sentis perturbada  
Pela grande voz  
Na noite a solidão da alma,

Abandonai o que tendes,  
E segui também sem nada  
Essa flor da Juventude  
Que canta e passa!)

(Ah! Quem fora a sombra, ao menos,  
Desse jogral deslumbrado!)<sup>9</sup>

De Murilo Mendes, outro renomado poeta moderno, selecionamos dois poemas em que o santo é chamado. O primeiro deles, nitidamente marcado por imagens surrealistas, intitula-se “O concerto”

#### O concerto

Então o santo chegou  
Nos arredores de Assis,  
Tira uma gaita do bolso,  
Leva na boca ferida,  
As flores vêm caminhando  
Com os besouros nas corolas  
Fazendo um grande zunzum;  
Os rouxinóis escutaram  
O convite pro concerto,  
Chegaram já na estação,  
Trazendo flautas a bordo;  
Das profundezas do bosque  
As feras que estão mamando  
Vêm penduradas nas mães,  
Na frente delas o lobo,  
Fazem barulho de bombos,  
De baixos, de bombardinos;  
Moças e crianças passeando  
Na avenida principal  
Chegam bem perto do santo,  
Com Santa Clara na frente,

---

<sup>9</sup> MEIRELES, Cecília, p.1-4.

Dilacerando violões;  
Os olhos da santa mexem  
Com tanta graça e expressão,  
Que o poder do santo aumenta,  
Ele sopra com mais jeito  
Na sua gaita encantada,  
Trabalhadores do campo  
Carregam com as baterias,  
Também adotam o concerto;  
Vai um leproso na frente,  
O santo tem uma pena,  
A força dele cresceu,  
O sopro tocou na lepra,  
Então a lepra sumiu;  
A multidão vai andando  
Com o santo sempre na frente  
E a gaita na frente dele;  
De repente um serafim  
Com o corpo crucificado  
Despreza os braços da cruz,  
Toca com os braços no tronco,  
Sai um som de violoncelo  
Que vai arrastando a turma.  
O santo olhou pra mão dele,  
A mão do santo já sangra  
Bem assim como seus pés,  
Mas o santo continua,  
Aperta a gaita com força,  
Olha mais pro serafim,  
Vem o som do violoncelo  
Mais ondulante, mais doce,  
A multidão vai subindo,  
Subiram, subiram mais,  
Uma estrela vai passando,  
Se incorporou ao concerto,  
O santo aperta na gaita,  
Os raios da estrela viram

Em clarins e saxofones,  
O santo sopra com força,  
O sopro da gaita abriu  
Então as portas do céu.  
O serafim vai na frente,  
Os anjos sopram vibrantes  
Nas trombetas, nos pistões,  
Uma pomba triangular  
Solta um cântico tão puro  
Que os rouxinóis baixam a voz;  
O Pai então manda um grito  
Tão na distância, tão longe,  
Um grito com raio X,  
Que o corpo do mundo treme,  
Até os ossos transparecem,  
Que todos ficam de pé,  
Até os mortos levantam;  
Os que estão para nascer  
Já nasceram, se levantam,  
Os inimigos se abraçam,  
Os maus mudaram de cor,  
Crianças mamando no seio  
De repente estão de pé;  
Parou a roda da terra,  
Todos escutam o concerto,  
Mas no meio do concerto  
Se ouvia a gaita apitar  
Chamando os mortos – bom dia! –  
Chamando a lua – minha irmã – ,  
Que crescem, viraram monges,  
Foram à procura do santo,  
Mas quando chegam no céu  
O santo não é mais homem,  
Mudou-se num serafim.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> MENDES, Murilo, p.1-3.

O segundo, intitulado “São Francisco de Assis” apresenta-nos o santo como um fora-da-lei, exatamente como Murilo vê o Criador e o Poeta:

Poeta, isto é, fundador da palavra essencial: pobre da coisa perecível. Exorcisma o capital-demônio.

As sandálias aladas aligeiram-no.

Descobre o alfabeto da formiga.

Inventa o *humour* da santidade reinando sobre a cela, o crucifixo, a irmã água, o irmão sol, a irmã morte, o coração próximo.

Abençoa o cosmo. Cosmonauta antecipado, levita-se.

Fazem dele um homem da ordem. Mas é um inconformista, um rebelado, um *fuorilegge*; tal seu mestre.<sup>11</sup>

Entre nossos poetas modernos, Vinícius de Moraes, parece, foi o que mais dedicou poemas a São Francisco de Assis. São dele a “Espantosa ode a São Francisco de Assis”, o bastante conhecido poema musicado “São Francisco” e o intitulado “A um passarinho”. Neste último, o poeta, de sua janela, afugenta o pássaro, numa atitude inversa à de São Francisco.

Da “Ode”, selecionamos algumas passagens por se tratar de um texto muito extenso. Nela o sofrimento e a angústia do poeta correm paralelos aos do santo:

1  
Meu São Francisco de Assis, Francisco de Assim, *poverello*,  
ou como te chame a sabedoria dos povos e dos homens  
Este é Vinícius de Moraes, de quem se podia dizer – o  
poeta – se jamais alguém o pudesse ser depois de ti.

---

<sup>11</sup> MENDES, Murilo, p.1201.

2

Este é o impuro, o inconstante, o trágico, o leproso e  
possivelmente o morto  
Que vem a ti, o fiel, o calmo, o humano, o constante.

3

Este é o que sacrifica a vida pelo prazer da hora, e se  
desgraça.  
Que vem a ti que sacrificaste a vida pela eternidade e  
pela graça.

4

Este é o homem da mulher, o homem da carne, o homem  
da terra  
E que te ama, santo da Mulher, santo da Carne, santo da  
Terra.

7

Meu São Francisco de Assis! Acolhe teu amigo e teu criado  
Que partiu para sempre e se perdeu, e nunca mais foi  
encontrado.

17

Meu São Francisco, ouve o meu voto e compreende o  
meu vazio  
E me aquece do frio, e me protege do sonho sombrio.

18

Tu és a palavra – a palavra inexistente – a poesia  
Que eu busco sem tréguas, que busco de noite e que  
busco de dia.

19

Não creio em Deus mas creio em ti – Deus é minha  
melancolia  
tu és minha poesia – ou quando não seja o amor que  
ela se deseja.

37

Meu São Francisco de Assis! Ouve tu ao menos a minha  
inefável miséria  
Sem perdão e sem consolação e sem fim nos caminhos  
da Terra.

38

Ouve o apelo mais íntimo, o que não está nas minhas  
palavras e que está no meu ser infeliz e no ser infeliz que eu  
crio à minha passagem.

43

Um dia deixarei a cidade da minha angústia e sua torre  
E irei a Assis entre colinas me abandonar à tua saudade.

44

E dá-me nesse dia de chorar todas as lágrimas contidas  
E de me perder em mim o pranto e de me ajoelhar no  
teu sepulcro.

45

Ó grande santo louco, meu irmão, taumaturgo em  
minha alma  
Taumaturgo – palavra que contém silêncio e que me acalma!

49

Nunca criatura criada foi tão pagã como eu, so help me God!  
Arrastando meu ser à execração e à contemplação quieta da  
morte.

54

Santo! tenho gana de te dizer: foge de mim! Evita o meu  
contato escuro porque eu sou puro na maldade e puro na  
sinceridade e impuro.

55

Quatro livros escrevi – e sou tão moço! e nada compreendo  
de mim  
Senão que sou cruel com a mulher, e que minha angústia não  
tem fim.

59

Ah, que a vida não tem solução. Muitos o disseram em vão  
e o direi em vão, e morrerei, e os que me virem, sorrirão.<sup>12</sup>

São Francisco

Lá vai São Francisco  
Pelo caminho  
De pé descalço  
Tão pobrezinho  
Dormindo à noite  
Junto ao moinho  
Bebendo a água  
Do ribeirinho.

Lá vai São Francisco  
De pé no chão  
Levando nada  
No seu surrão  
Dizendo ao vento  
Bom-dia, amigo  
Dizendo ao fogo  
Saúde, irmão.

Lá vai São Francisco  
Pelo caminho  
Levando ao colo  
Jesuscristinho  
Fazendo festa  
No menininho  
Contando histórias  
Pros passarinhos.<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup> MORAES, Vinícius de, p.1-7.

<sup>13</sup> MORAES, Vinícius de, p.1.

A um passarinho  
Para que vieste  
Na minha janela  
Meter o nariz?  
Se foi por um verso  
Não sou mais poeta  
Ando tão feliz!  
Se é para uma prosa  
Não sou Anchieta  
Nem venho de Assis  
  
Deixa-te de histórias  
Some-te daqui!<sup>14</sup>

Na poesia brasileira, Adélia Prado se distingue pela religiosidade e pelo erotismo. Desta poeta, selecionamos um poema em que a cena da estigmatização é erotizada por uma mulher que, apaixonada, se deixa hipnotizar, extática, pelo amado:

Meu espírito – que é o alento de Deus em mim – te deseja  
pra fazer não sei o que com você.  
Não é beijar, nem abraçar, muito menos casar  
e ter um monte de filhos.  
Quero você na minha frente, extático  
? Francisco e o Serafim, abrasados ? ,  
E eu para todo o sempre  
olhando, olhando, olhando...<sup>15</sup>

Nosso texto termina com Mário Quintana. Fugindo à humildade que marcou a vida do santo, Quintana prefere rever este São Francisco canônico. Embora não tenha escrito poema algum sobre ele, Quintana, em uma entrevista, desestrutura a visão do *poverello* que fala às aves. Como sempre, o poeta nos dá, pela via do humor, um novo olhar sobre o que

---

<sup>14</sup> MORAES, Vinícius de, p.1.

<sup>15</sup> PRADO, Adélia, p.1.

pode parecer uma verdade única e inquestionável. Na entrevista, Hermes Rodrigues Nery lhe pergunta:

Como o senhor vê São Francisco de Assis?

E a resposta não é bem aquela que muita gente esperava:

Quintana: São Francisco de Assis? Irmão isso... irmão aquilo? Ah... mas ele só gostava dos bichinhos bonitinhos. Por que ele não falou dos irmãos vermes que pululam às cargas, em outras coisas horrorosas? Na irmãzinha aranha... na irmãzinha jararaca... Só falou nas coisas bonitinhas. Ah, não...<sup>16</sup>

Se tivéssemos tempo e espaço, poderíamos citar inúmeros outros exemplos que tratam de São Francisco de Assis. Acreditamos, porém, que tenhamos dado uma amostragem de como a presença deste santo foi, é e tem sido marcante em nossa literatura e em nossa cultura.

## **Referências Bibliográficas**

AUTOR DESCONHECIDO. Disponível em: <<http://direitoe poesiauma metafora.blogspot.com/2008/05so-francisco-de-assis-em-tro...>>. Acessado em: 27 out. 2009.

CAMPOS, Humberto de. *Poesias completas*. São Paulo: Mérito, s.d.

GÓIS, Ancelmo. Disponível em: <<http://www.pagina20.com.br/4abril2003/site/06042003/ancelmo%20gois.htm>>. Acessado em: 10 nov. 2009.

MENDES, Murilo. Disponível em: <[http://janainakarina.blogspot.com/2009/09/o-visionario-murilo-mendes\\_06.html](http://janainakarina.blogspot.com/2009/09/o-visionario-murilo-mendes_06.html)>.

MENDES, Murilo. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

MEIRELES, Cecília. Disponível em: <[http://adrianosc0.tripod.com/sitebuildercontent/sitebuilderfiles/cecilia\\_santaclara.txt](http://adrianosc0.tripod.com/sitebuildercontent/sitebuilderfiles/cecilia_santaclara.txt)>. Acessado em: 23 nov. 2009.

---

<sup>16</sup> QUINTANA, Mário, p.2.

MORAES, Durval de. *São Francisco de Assis*. Belo Horizonte: Gráficos Santa Maria, 1961.

MORAES, Vinícius. Textos disponíveis, respectivamente, em: <[http://viniusdemoraes.com.br/biblio/sec\\_biblio\\_view.php?id=666&id\\_livro=84&back\\_p...](http://viniusdemoraes.com.br/biblio/sec_biblio_view.php?id=666&id_livro=84&back_p...)>. Acessado em: 26 out. 2009; <<http://caracol.imaginario.com/discoteca/arcadenoe/saofrancisco.html>>. Acessado em: 23 out. 2009; <http://www.revista.agulha.nom.br/vm.html> Acessado em 23 out. 2009.

OLIVEIRA, Botelho de. *Poesia completa: Música do Parnaso; Lira Sacra*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PRADO, Adélia. Disponível em: <[http://www.grupotempo.com.br/tex\\_adelia.html](http://www.grupotempo.com.br/tex_adelia.html)>. Acessado em: 23 fev. 2010.

QUINTANA, Mário. Disponível em: <<http://medei.sites.uol.com.br/penazul/geral/entrevis/quintana.htm>>. Acessado em: 19 fev. 2010.

VICENTE, Welington. Disponível em: <<http://usinadeletras.tempsite.ws/exibelotexto.php?cod=258&cat=Cordel&vinda=S>>. Acessado em: 13 nov. 2009

VILAR, Pethion. Disponível em: <[http://www.antoniomiranda.com.br/poesia\\_brasis/bahia/pethion\\_de\\_vilar.html](http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/bahia/pethion_de_vilar.html)>. Acessado em: 9 nov. 2009.

## Resumo

Este artigo pretende dar uma amostragem de poemas onde se vê a presença de São Francisco de Assis na poesia brasileira, desde o Barroco até a literatura de nossos dias.

## Abstract

Cet article veut montrer la présence de Saint François d'Assise dans la poésie brésilienne, depuis le Baroque jusqu'à la littérature de nos jours.